



Ecoss da LASE

Boletim da Liga dos Antigos Seminaristas de Évora - Suplemento ao N.º 4358 de "a defesa" - N.º 9 - 2.ª Série - Évora, Janeiro - Março 2008

ANO NOVO

Podemos dizer que o **Novo Ano** de 2008 começou com dois grandes acontecimentos muito caros à LASE: FESTA ANUAL da LASE, em 9 de Fevereiro e ENTRADA DE D. JOSÉ ALVES, como arcebispo de Évora, no dia 17 de Fevereiro.

Este número dos ECOS DA LASE irá, fundamentalmente, desenvolver estes dois eventos.

ANO NOVO para lá de significar "*Vida Nova*", é também mais uma oportunidade para todos nós mostrarmos o que "*valemos*", quanto ao nosso trabalho e valorização pessoal e quanto aos nossos anseios, como antigos alunos dos Seminários de Évora.

A FESTA ANUAL proporcionou mais uma grande manifestação de "*amor lasista*", no seguimento de tantas outras "*Jornadas de Saudade e de Gratidão*" para com a Casa que nos ajudou a "*formar*" para a vida - o Seminário! Reconhecemos que, nos dias que correm, se torna muito difícil "*disponibilizar*" tempo para uma deslocação destas. São de louvar aqueles lasistas que vieram de "*bem longe*": Minho/Trás-os-Montes, Beiras, etc.

A Festa Anual deste ano teve como "*aliciantes*" a homenagem a um dos co-fundadores da LASE, Dr. Cândido Aparício Pereira e a visita/peregrinação à Catedral de Évora integrada nas solenes Comemorações dos 700 anos da sua "*dedicação*".



A entrada solene do Sr. D. José Francisco Sanches Alves, como novo arcebispo de Évora, foi um acontecimento único que mereceu a participação de muitos lasistas. D. José Alves não só é um lasista, que tem participado em muitas actividades da LASE, como sempre tem manifestado muito interesse e carinho pela LASE, particularmente, desde os seus tempos de Reitor do Seminário Maior de Évora e de Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

Por estas razões não me admirei nada de encontrar muitos lasistas (colegas de Curso ou seus antigos alunos) na solene cerimónia da entronização

oficial na Metrópole Eborense, no dia 17 de Fevereiro, com a catedral repleta.

A LASE formula os mais ardentes votos para que o pontificado de D. José Alves, na Metrópole Eborense, seja repleta das maiores bênçãos de Deus e de muitos frutos pastorais.

O Presidente da Direcção - **Cónego A. Fernando Marques**

FESTA ANUAL

Foi no dia 9 de Fevereiro de 2008 que aconteceu a FESTA ANUAL da LASE, como estava programado no Calendário das Actividades para o ano de 2008: Assembleia Geral, Eucaristia, Almoço e Visita Guiada à Catedral.

Assembleia Geral

Por volta das 10 horas começaram a chegar os primeiros lasistas vindos das mais variadas proveniências, tendo como motivação principal o visitar aquela Casa que acolheu a muitos, durante alguns anos e reencontrar colegas de Curso e amigos.



A reunião da **Assembleia Geral** presidida pelo Professor Dr. Manuel Ferreira Patrício e com a presença, na mesa, do Sr. D. Maurílio de Gouveia, Administrador Apostólico da Arquidiocese de Évora, do Presidente da Direcção, cónego António Fernando Marques e do Secretário, António Madeira Campino, foi na Sala dos Actos.

O Presidente deu as boas vindas a todos os presentes, começando pelo Sr. D. Maurílio de Gouveia a quem agradeceu toda a dedicação à LASE ao longo dos 26 anos do seu pontificado na Metrópole Eborense. Em seguida o Secretário leu a Acta da reunião do ano anterior, que foi aprovada. O Tesoureiro, Cónego Manuel da Silva Ferreira, apresentou as Contas referentes ao ano de 2007: Receita - 3.110 euros (quotas e donativos); Despesa - 2.641 euros (Bolsas de Estudo - 2.200 euros; Ecos da LASE - 441 euros); Saldo - 369 euros.

O Presidente da Direcção tomou a palavra saudando todos os presentes e agradecendo a sua presença, que é de louvar, devido às muitas solicitações da vida moderna. Agradeceu, de um modo particular, a presença do Sr. D. Maurílio e tudo o que fez pela LASE, durante todos os anos em que esteve como arcebispo de Évora. Igualmente saudou o Sr. D. Amândio Tomás, que no dia seguinte iria entrar na diocese de Vila Real, como Bispo Coadjutor e que durante seis anos também acompanhou a LASE, como Bispo Auxiliar de Évora.

(Continua na página 2)

Assembleia Geral

(Continuação da página anterior)

Em seguida, o Cónego A. Fernando Marques fez um breve relatório das actividades da LASE, ao longo do ano de 2007 e que haviam sido noticiadas nos ECOS DA LASE. Salientou as *Bodas de Ouro Sacerdotais* do Padre Adriano Chorão Lavajo Simões e as *Bodas de Prata Sacerdotais* dos Padres José António Morais Palos e Jorge Manuel de Matos. Como *acontecimentos dolorosos* recordou o falecimento de lasistas: Padres Manuel António Fernandes e Acácio Dias Marques; Dr. Cândido Aparício Pereira, Elias Farinha do Nascimento, António Monteiro Julião, Dr. Joaquim Manuel Condeço, Manuel Marques Oliveira e Silva, João Gomes Lavado Simões e José Flaminio Rosa.

Terminou o seu relatório congratulando-se com a realização de todas as actividades previstas no Calendário da LASE (reuniões regionais, reuniões de cursos ...), incluindo as Bodas de Ouro do Curso de 1957-58, que apesar de pouco participada em número, foi muito participada no entusiasmo dos presentes!

Dando seguimento à agenda da Assembleia Geral foi prestada uma justa e sentida **homenagem ao Dr. Cândido Aparício Pereira**, co-fundador da LASE com várias intervenções: 1) O Presidente da Direcção leu a carta que o homenageado escreveu, em Abril de 1955, ao Director de "A Defesa", Cónego Dr. José Filipe Mendeiros e publicada na "Página dos Seminários", de 6 de Maio de 1955, propondo a criação da LASE: "... Criemos uma Liga dos Antigos Seminaristas de Évora... como um imperativo de consciência e de gratidão de todos os que, sacerdotes ou leigos, passaram pelo Seminário e muito, senão tudo do que hoje são na vida, lhe ficaram devendo..."; 2) O lasista Elói Pardal leu um texto escrito pelo Dr. Fernando Pinto Mateus, primo do homenageado, mas impossibilitado de estar presente, intitulado "Mensagem - O Cândido"; 3) O lasista Carlos Jorge M. Cardoso, conterrâneo do Dr. Cândido Aparício Pereira, também enalteceu as qualidades do homenageado e as potencialidades de Alvôco da Serra; 4) O Padre Mário Aparício Pereira, irmão do homenageado, agradeceu em nome da família, esta justa e digna homenagem ao Dr. Cândido A. Pereira.

O Sr. D. Maurílio, antes de se ausentar, manifestou a sua alegria por estar no meio dos lasistas e, apesar de se retirar como arcebispo de Évora, continuaria por perto, uma vez que uma das suas residências passaria a ser o Seminário de Vila Viçosa.

Quase a concluir a reunião da Assembleia Geral procedeu-se à **eleição dos Corpos Directivos da LASE** para o triénio 2008-2010: Direcção, Assembleia Geral e Conselho Fiscal. Atendendo a que só havia uma lista e por consenso geral, a eleição fez-se por "aclamação" unânime.

O António Joaquim C. Braga, delegado da Região Sul, recordou a oferta dos "Calendários das Actividades da LASE" pela Gráfica Eborense e fez um apelo a todos os lasistas para serem assinantes de "a defesa", semanário diocesano.

O Professor Dr. Manuel Ferreira Patrício encerrou a reunião da Assembleia Geral congratulando-se com a homenagem prestada ao Dr. Cândido A. Pereira e pela eleição dos Corpos Directivos da LASE e agradeceu a presença e a participação de todos os lasistas.

EUCARISTIA



Por volta das 12 horas dirigimo-nos para a capela de Nossa Senhora da Purificação para a Eucaristia presidida pelo Cónego A. Fernando Marques, concelebrada por vários sacerdotes: P. Vicente, Reitor do Seminário, Cónego Manuel Ferreira, tesoureiro, P. António Salvador dos Santos, Vogal, P. Mário Aparício Pereira e P. António Ramiro Salgueiro e participada por muitos lasistas e suas famílias; os diáconos Manuel Bilo e Amâncio Mouquinho também estiveram presentes.

Na homilia, o Presidente da Direcção da LASE, salientou: a vivência espiritual adquirida na frequência do Seminário como ajuda para a vida diária de todos os lasistas e como elo de ligação entre todos sacerdotes ou leigos; a mensagem quaresmal: jejum, oração e amor fraterno (esmo-la-partilha), que são os mais eficazes remédios do pecado.

A eucaristia foi valorizada com a participação coral dos actuais seminaristas, representados pelo grupo da diocese do Mindelo (Cabo Verde). Aqui deixamos um agradecimento muito sentido, assim como o acolhimento que o Seminário faz a todos os lasistas, na pessoa do seu Reitor.

ALMOÇO

Depois do alimento espiritual recebido na eucaristia, foi no refeitório quinhentista que fomos retemperar as forças físicas com o abundante e apetitoso almoço servido pelos seminaristas. Desta vez houve espaço para todos apesar de o número dos comensais rondar os 80.

O almoço não serviu só para ingerir o alimento material, mas também para convívio animado e para "pôr a conversa em dia"!

Por volta das 14,30 horas e depois do café e dos licores "caseiros", dirigimo-nos para a última etapa da Jornada Anual Lasista.

VISITA/PEREGRINAÇÃO À CATEDRAL

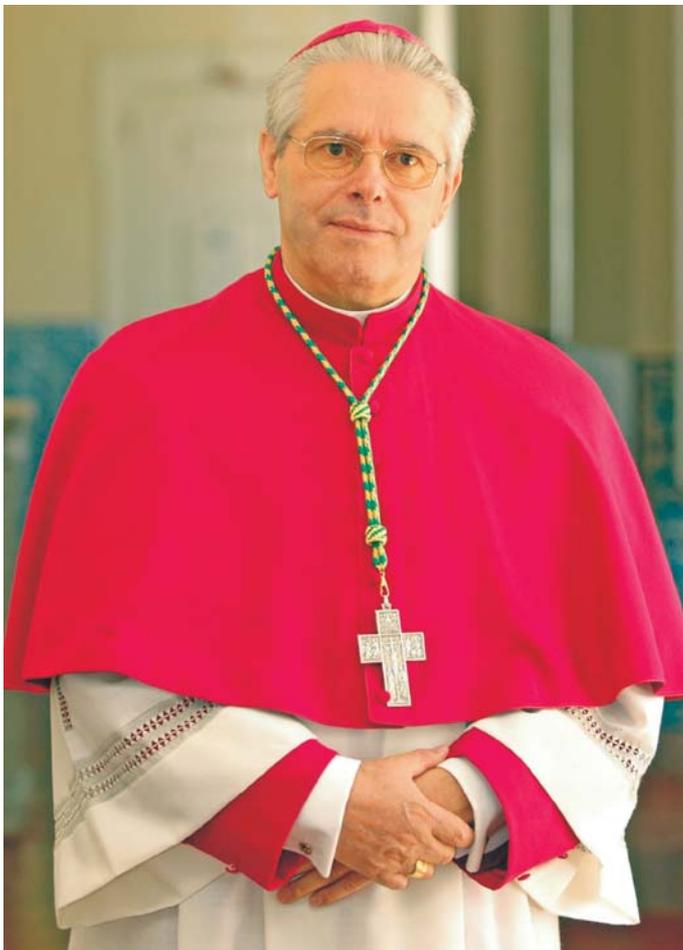
Não falámos ainda do "tempo", mas podemos dizer que esteve bom com um sol um pouco envergonhado, mas sem chuva.



O grupo que compareceu na Sé foi bastante numeroso. Serviu de "guia" o Presidente da Direcção. Antes de entrarmos foi-nos chamada a atenção não só para o majestoso e esbelto conjunto escultórico, único em Portugal, que é o "Apostolado - conjunto dos 12 apóstolos", mas também para a lápide que se encontra no lado esquerdo e que recorda a inauguração da Capela Mor da Sé, em 1746, pelo arcebispo de Évora, D. Miguel de Távora, mas que a "sanha" fundamentalista do Marquês de Pombal, José Sebastião Carvalho de Melo, mandou substituir o apelido "Távora" por "Sousa".

Depois de entrarmos no templo românico-gótico (1280-1308) fomos convidados a sentarmo-nos junto do altar barroco de Nossa Senhora do Anjo (do Ó ou da Expectação) e ouvir uma explicação litúrgico/pastoral/estética sobre os "Espaços Sagrados" construídos ao longo dos séculos, sempre como lugares de culto, conforme as influências próprias

(Continua na página 8)



D. José Alves

Conforme a imprensa e todos os meios de comunicação social largamente noticiaram, no dia 17 de Fevereiro de 2008, a monumental catedral de Évora foi pequena para acolher todos aqueles que quiseram tomar parte na entrada solene de D. JOSÉ FRANCISCO SANCHES ALVES, como Arcebispo Metropolitano de Évora.

Atendendo à importância deste evento e, sobretudo, à pessoa que o motivou, vamos dedicar, totalmente, as 4 páginas interiores dos ECOS DA LASE, ao ilustre lasista D. JOSÉ ALVES, recordando, resumidamente, a sua biografia e apresentando alguns testemunhos de outros lasistas que se apresentam como colegas ou discípulos.

D. JOSÉ FRANCISCO SANCHES ALVES, 27.º arcebispo de Évora, possui, como nenhum outro, um conhecimento e uma experiência pastoral da vasta arquidiocese de Évora, fruto do desempenho dos mais altos cargos na Igreja Eborense, como veremos a seguir.

Nasceu em Lageosa, concelho de Sabugal, diocese da Guarda, a 20 de Abril de 1941. Aos 13 anos de idade ingressou no Seminário de Vila Viçosa, integrado no Curso de 1954-55 (dos 41 alunos 7 chegaram ao sacerdócio).

Ordenado presbítero na Sé de Évora, em 3 de Julho de 1966 foi, sucessivamente, professor e prefeito no Seminário Menor de Vila Viçosa e no Seminário Maior de Évora. Em 1970-71 foi pároco de S. Tiago do Escoural (Montemor-o-Novo), seguindo, no ano seguinte, para Roma onde se doutorou em Ciências da Educação, na Pontifícia Universidade Salesiana. Regressado a Portugal, foi reitor do Seminário Maior de Évora, professor, secretário e presidente da Comissão Directiva do ISTE (Instituto Superior de Teologia de Évora), docente da Universidade de Évora, psicólogo do Centro de Recuperação de Menores “D. Manuel Trindade Salgueiro” (Assumar-Monforte), responsável pelo Departamento Diocesano de Educação Cristã da Infância e Adolescência, membro do Conselho Permanente da Pastoral Diocesana e do Conselho Económico da Arquidiocese de Évora. Durante 10 anos (1988 a 1998) foi Vigário Geral da Arquidiocese, coordenador Diocesano da Pastoral e presidente do Cabido da Catedral.

Em 7 de Março de 1998 foi nomeado Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa, tendo ocorrido a ordenação episcopal no dia 31 de Maio, na catedral de Évora. Em Lisboa, foi Vigário Geral, Moderador da Cúria Diocesana, apoiou as paróquias da periferia de Lisboa e na área da acção pastoral dinamizou, particularmente, o Departamento de Comunicação e Cultura.

Em 22 de Abril de 2004 foi nomeado Bispo de Portalegre-Castelo Branco, tendo aqui exercido uma acção pastoral merecedora de todos os encómios.

Actualmente, continua Vogal do Conselho Permanente da Conferência Episcopal Portuguesa e preside, desde 2002, à Comissão Episcopal para a Pastoral Social.

Desta breve biografia podemos afirmar que o Sr. D. José Alves, de entre as suas muitas experiências, a nível eclesial, se salienta a sua ligação aos Seminários da Arquidiocese de Évora e à LASE.

Para falarem por todos nós, pedi a 5 lasistas e ao Presidente da Direcção da Rádio Renascença (por intermédio do lasista Ribeiro Cristóvão), que dessem o seu testemunho sobre o arcebispo de Évora, D. José Francisco Sanches Alves.

Todos nós lasistas, sem excepção, ficámos satisfeitos com a escolha de D. José Alves para arcebispo de Évora e pedimos para ele as maiores bênçãos de Deus e da Senhora da Purificação, sem esquecer S. José.

O Presidente da Direcção da LASE - *Cónego António Fernando Marques*

Testemunhos

O Padre Fernando Marques pôs-me nesta Tribuna ou “*Cátedra*” dos ECOS DA LASE para dar um Testemunho sobre o nosso querido arcebispo D. José F. Sanches Alves.

Que poderei dizer-vos sobre ele?!

Digo-vos que entrámos no mesmo ano para o Seminário de Vila Viçosa (1954) e que, tal como Jesus de Nazaré, ele era uma criança (ainda) como outra qualquer – como eu e os outros que connosco entramos no mesmo ano.

Digo-vos que comungámos, durante o Curso completo no Seminário, o mesmo Senhor Jesus Cristo: à mesa do Altar, na sala de estudo, nas aulas, nos recreios, nos passeios, nas camaratas, no refeitório ...

Digo-vos que recebemos as várias Ordens Eclesiásticas, fomos escolhidos e dissemos sim.

Que poderei mais dizer-vos, que vocês não saibam já?

Digo-vos que ele não liga a faustos nem a riquezas (também ele, como Jesus, nasceu numa manjedoura mas, também ele, como Jesus, permite um Domingo de Ramos).

Digo-vos que nada do que lhe tem acontecido na vida o deslumbra ou ofusca a sua fé (também ele, tal como Jesus, já foi tentado pelo demónio e resistiu com a ajuda do Pai).

Digo-vos que é ele o Homem de que a Igreja de Évora necessita neste momento.

Digo-vos que ele (tal como Jesus Cristo) nunca virará a cara ao que o Pai espera dele, ainda que isso envolva e implique o Calvário e a Cruz.

Digo-vos que ele pode contar comigo e, penso, com todos os que o conhecem.

Évoramonte, 4 de Março de 2008

Henrique Joaquim Sabino

O MEU AMIGO ARCEBISPO

Saliento a dimensão Humana, desde os tempos de estudantes até agora, do Sr. D. José Sanches Alves, de quem tive a sorte de ainda ter sido colega. Retenho essa imagem, como se fosse hoje, ele finalista e eu no primeiro ou segundo ano de filosofia. A mesma atitude ontem e hoje: atento, bom ouvinte, compreensivo e disponível. Eu, um jovem cheio de ilusões de que poderia vir a ser poeta, e ele, Director do Alvoradas, facilitando-me um espaço para a minha ilusão.

(Continua na página seguinte)

Testemunhos

Mais tarde, em 1970 – ainda hoje me culpabilizo – com ingenuidade política, causei-lhe a ele e aos outros responsáveis do Seminário (lembra-se D. Manuel Madureira?), graves perturbações numa Évora asfíxiada, com a *história do Razalás*. E com que inteligência, bom senso e dignidade souberam passar o problema...

Habituei-me, desde cedo, a confirmar na sua forma de estar e agir, a solidez desses valores humanos. E os valores humanos são o alicerce – a rocha sólida – onde tudo se constrói. E basta-me essa dimensão humana, que me habituei a ver nele desde sempre, para me levar a ter a consideração, o respeito e amizade.

Manuel Relvas



Conheci o Padre Doutor José Francisco Sanches Alves no final da década de 70, creio que em 1979, após o seu regresso de Roma, onde se doutorara na Pontifícia Universidade Salesiana. Conheci-o através do saudoso Padre José Alves Gomes, amigo comum, que começou por me falar dele.

Era eu responsável, na Universidade de Évora, pela então Divisão de Pedagogia e Educação, hoje Departamento de Pedagogia e Educação. Estávamos particularmente envolvidos nas licenciaturas em ensino, que integravam a componente científica da especialidade e a componente pedagógica. Trabalhava o Padre Alves Gomes na Universidade, no âmbito da Reitoria. Falávamos muito sobre a Universidade, seus problemas e perspectivas de desenvolvimento. Queríamos para ela o melhor.

Informou-me neste contexto o Padre Alves Gomes da chegada a Évora, recentemente vindo de Roma, do Padre Doutor José Alves. Fizera na Cidade Eterna, na Pontifícia Universidade Salesiana, doutoramento na área das Ciências da Educação, na especialidade de Psicologia do Desenvolvimento. Achava o Padre Alves Gomes que constituía um excelente recurso para a Universidade, que carecia de docentes na área científica em causa. Concordei. Feito o contacto com o Padre Doutor José Alves, aceitou ele o convite. Como o doutoramento da Pontifícia Universidade Salesiana não era então reconhecido pelo Estado Português, o contrato teve de ser celebrado na categoria de assistente.

As qualidades – humanas, intelectuais, científicas – que o Padre Alves Gomes assinalara foram inteiramente confirmadas. Foi, com efeito, excelente o serviço prestado pelo docente Doutor José Alves à Universidade de Évora, entre 1979 e 1984.

Como era uma injustiça flagrante a atribuição da categoria de assistente a um doutorado, ainda para mais reconhecidamente categorizado, pensámos em conjunto na maneira de tornear o embaraço. Seria necessário que o Doutor José Alves repetisse o doutoramento em Portugal, no fundo actualizando os dados investigativos e enquadrando todo o processo na legislação portuguesa. Chegou-se a acordar na escolha do orientador, que seria o Professor Doutor José Ferreira Marques, da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa. Este aceitou e o processo chegou a iniciar-se.

Com as actuais regras europeias de reconhecimento isso não seria hoje necessário, mas ao tempo era assim.

Circunstâncias inesperadas alteraram, todavia, esse projecto. Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo de Évora, D. Maurílio de Gouveia, entendeu por bem nomear primeiro, Reitor do Seminário Maior (1984) e depois, Vigário Geral da Arquidiocese (1988) o Padre José Alves, que não hesitou em assumir as nomeações, que implicavam a subalternização da carreira universitária e o primado conferido à vida eclesial. Falei com ele na altura, manifestando o receio de que um académico tão qualificado e promissor e uma personalidade tão rica ficasse em risco de desinvestimento na Universidade. Percebi nessa conversa, com nitidez, que ele se considerava integralmente ao serviço da Igreja e da Diocese, não pestaneando perante a decisão do seu Bispo. Era, afinal, o início explícito da gloriosa e ao mesmo tempo humilde caminhada que haveria de trazê-lo agora até à venerável cidade de Évora, sede da Arquidiocese Metropolitana do mesmo nome, como seu Pastor.

É, para mim, em primeiro lugar o meu Arcebispo, a quem desejo as maiores venturas no exercício do seu ministério. É, depois, o amigo, cujas excelsas virtudes intelectuais e eclesiais conheço, aprecio e admiro. É um homem bom, sério, leal, inteligente, objectivo, frontal, ao mesmo tempo espiritual e pragmático. É um homem de íntegra fé cristã. Inscreve-se com todo o merecimento na linhagem ilustre dos Arcebispos de Évora, alguns dos quais são figuras que marcaram notável presença na História da Igreja, como ele vai marcar. Trabalhámos ombro a ombro durante vários anos, na Universidade. Fui durante algum tempo seu comensal, e de D. Manuel Madureira Dias, na casa de ambos, com o Padre Alves Gomes. Sei como é superior a sua qualidade humana e cristã e elevado o seu valor. Sei, por conseguinte, que a Arquidiocese de Évora tem um Pastor no qual pode confiar por completo. Estou certo de que também ele poderá confiar nas suas ovelhas.

O Padre Alves Gomes há-de estar muito contente lá no Céu. Ele devia adivinhar qualquer coisa como isto. Também a minha mãe, que foi tão carinhosamente tratada por ele, sempre, carinho que por inteiro lhe retribuía, há-de sorrir junto de Deus, feliz, como se sua mãe fosse. É este afecto, aqui e além, o milagre do espírito. E é a força do espírito que queremos dar ao Senhor D. José. No fundo, para nosso bem.

O Padre José Alves, o Doutor José Alves, é agora para todos nós o Senhor D. José Alves, Arcebispo Metropolitano de Évora. O nosso Arcebispo. Que Deus o guarde.

Manuel Ferreira Patrício
(ex-Reitor da Universidade de Évora)



ECOS de uma Homilia



«Para corresponder à complexidade do seu ministério, o bispo há-de ser humanamente equilibrado, intelectualmente bem formado, pastoralmente dinâmico. Acima de tudo, há-de esforçar-se por viver em santidade»...

Esta exigência não foi escrita por nenhum “especialista” que, olhando de fora as competências para o múnus episcopal, quisesse impor a outrém as linhas mestras do seu serviço e da sua identidade. Foi, isso sim, apresentada por quem tem de a viver. Deve, por isso, elogiar-se a coragem de a

enunciar, sem medo do padrão pelo qual há-de ser medido...

Confesso que foi este o parágrafo da primeira homilia de D. José Alves como novo arcebispo de Évora que mais me impressionou. Realmente, na altura em que muitos esperariam ao menos o esboço de um programa pastoral, o prelado quis, antes de mais nada, revelar a alma que vai pôr em tudo aquilo que vier a fazer e a propor.

Apresentada a si mesmo esta exigência de equilíbrio, profundidade e dinamismo, é agora legítimo que o novo arcebispo espere *«a participação de todos os membros do povo cristão, com respeito pelas competências de cada um»*. Já o tinha antecipado, aliás, na primeira saudação aos diocesanos, quando declarou: *«podeis contar comigo, que eu conto também convosco»*.

Desafios não faltam, na vasta arquidiocese de Évora. D. José Alves, ainda que sumariamente – como se exigia do tempo da cerimónia de posse – não deixou de os apontar. Recordemos apenas dois: revigorar as alternativas já em curso para a crise das vocações e reconstruir a fractura entre cultura e Evangelho.

Ao suceder a um grande arcebispo – D. Maurílio de Gouveia – D. José Alves fala em *«continuidade»*; mas sem esconder que há projectos pastorais a quem o dinamismo das situações impõe *«adaptação e remodelação»*.

Eis um trabalho eventualmente facilitado pelo conhecimento que o prelado já tem da terra que pisa. Ou não fosse ele mesmo um filho da parcela do Povo de Deus que agora é chamado a governar e santificar!.. Daí, também, que D. Maurílio de Gouveia tenha testemunhado: *«A arquidiocese de Évora terá um Pastor já com longa experiência pastoral, para além de uma sólida e vasta cultura e um valioso testemunho de fé»*.

Da serenidade de todas as palavras que ouvi na Sé de Évora – e que revivo, como um eco – retiro a convicção de que a novidade deste tempo, efectivamente novo, não se vai fazer na força mediática das declarações. Vai sentir-se no olhar directo, atento e respeitoso, comprometido com todos – mas, fundamentalmente, apaixonado pelo anúncio da verdade revelada, *«centro e critério de toda a acção pastoral»*.

Cónego João Aguiar - (Presidente da Direcção da Rádio Renascença)

ELÓI PARDAL

É-me pedido um pequeno apontamento sobre o retorno à Arquidiocese de Évora do Senhor D. José Alves, na circunstância como seu responsável primeiro.

Que dizer, fugindo às frases circunstanciais e comuns de boas vindas e votos de bom apostolado? Para mim a resposta é simples. Tal como Mons. Mendeiros o referiu ao P.e Salvador dos Santos, também numa conversa, em Lisboa, referi ao próprio D. José que um dia seria ele o Metropolita de Évora, na esteira do seu antecessor D. Manuel da Conceição Santos (profecias de Estremoz!...)

Cumpriram-se as previsões, de resto, não muito difíceis de fazer. É um de entre nós, LASISTAS que, por mérito próprio e sageza eclesial, ascende a este cargo, pela primeira vez na nossa história já, quinquentenária, com três Arcebispos de permeio. O seu *curriculum* académico e o seu perfil de Formador, Pastor e Governador de uma diocese, cultivado em Évora, Lisboa e Portalegre/Castelo Branco, aliados a uma firme determinação de ser IGREJA são aval de bem servir! E é isso que, se sobremaneira nos honra, muito mais nos deve unir à sua volta, se possível ajudando-o, pelo menos espiritualmente, a carregar o seu múnus.

A galeria dos Arcebispos de Évora, que perpassou por todo o século agora findo, e com quatro dos quais o Senhor D. José Alves privou, merece este seu continuador.

Ele teve a disponibilidade bastante para, na sua estada em Lisboa, participar nas reuniões, quer institucionais quer informais, que a LASE de Lisboa efectuou. É esse o penhor de que connosco continuará.

E, então, que nós, em perfeita simbiose, lhe prestemos o tributo da nossa admiração e alegria traduzido em partilha e esperemos os frutos melhores desta sua re-entrega à população da Arquidiocese.

É, Fernando, o que se me oferece e que mais não diz, afinal, do que sempre pensei escrever ao D. José logo desde o momento em que num telejornal à meia noite ouvi a notícia pública da nomeação. Não o tendo feito, supri-o com a minha participação nas cerimónias de 17 de Fevereiro.

Faz do depoimento o que quiseres, porque tendo passado 2/3 da minha vida profissional a escrever, nunca fui escrevinhador de nada para lá da profissão. Por isso, o estilo, não sendo, seguramente, bom do ponto de vista jornalístico, é, também seguramente, tradutor do júbilo que vivi com a subida dos degraus da Sé pelo D. José Alves.

Um abraço do Elói.



Juiz Manuel Cipriano Nabais

Numa síntese apertada, já que o espaço concedido ao meu testemunho mais não consente, direi que tive o grato prazer de conhecer o Senhor D. José Francisco Sanches Alves, em 1955, no Seminário de Vila Viçosa, e o privilégio de com ele ali conviver durante os quatro anos seguintes.

Frequentava ele o 2.º ano quando ingressei naquele Seminário. Quis o destino que, quatro anos depois, trilhássemos caminhos diferentes.

A imagem que dele guardo desses tempos é a de um amigo – circunstância que não interfere no meu depoimento – e discípulo para quem a natureza foi pródiga, aplicado, solícito, cortês, disciplinado, respeitado e respeitador, humilde, sereno, sempre disponível, leal e a quem nada conseguia alterar a bonomia.

No início da década de 80, voltámos a cruzar-nos em Évora: ele presbítero, eu juiz do Tribunal Judicial da Comarca de Évora.

A sua nomeação para Arcebispo de Évora foi para mim motivo de júbilo, mas não de surpresa, face às qualidades que adornam a sua personalidade.

Não é para mim pensável falar de D. José Alves sem que logo acuda ao espírito – a par de outros predicados que distinguem as pessoas de bem – a sua naturalidade despretensiosa como cidadão e como homem da Igreja.

(Continua na página seguinte)

HOMILIA DA MISSA DE TOMADA DE POSSE



1. A Sagrada Escritura afirma que os planos de Deus são insondáveis e inacessíveis à inteligência humana. Tenho pensado muitas vezes na verdade dessas palavras, até no que se refere à minha própria vida. E hoje penso nelas mais uma vez. Pois, estava fora dos meus projectos que, passados quase dez anos, voltasse a esta histórica cidade de Évora como Arcebispo e entrasse na catedral, em cujo solo, duas vezes, me prostrei por terra, em gesto de profunda adoração e louvor a Deus, que me criou e me chamou ao presbiterado e ao episcopado. Com efeito, **aqui fui ungido com o óleo sagrado e com os dons do Espírito Santo.** Daqui fui enviado, como

bispo, primeiro ao Patriarcado de Lisboa, onde o exercício do meu ministério episcopal teve início e se enriqueceu com profundas vivências de comunhão eclesial. Depois, à querida Diocese de Portalegre-Castelo Branco, onde vivi tempos de intensa e gratificante acção pastoral, cuja memória guardarei para sempre no meu coração.

Agora, por decisão do papa Bento XVI, vínculo de unidade de todo o colégio episcopal e sucessor de Pedro, rocha firme sobre a qual Jesus Cristo fundou a sua Igreja, fui de novo chamado, por Deus, para a Arquidiocese de Évora. **Regresso por obediência e em comunhão plena com o papa e com o colégio episcopal,** aqui tão bem representado, por bispos de Portugal, de Espanha e de Timor.

Estimados diocesanos, **volto para o meio de vós como membro do Povo de Deus e discípulo de Jesus Cristo,** o Filho de Deus, em Quem acredito e reconheço o único Salvador da humanidade, que ressuscitou dos mortos e continua vivo e presente no meio de nós. Quero segui-lo sempre, acolher no meu coração a Sua Palavra de vida eterna que procurarei por em prática, mais confiado na graça de Deus (2 Tim. 1,9), na oração e ajuda de todos vós, do que nas minhas capacidades.

Volto como Pastor e Mestre da fé, carregando sobre os meus frágeis ombros a responsabilidade pastoral desta vasta parcela do Povo de Deus, iluminada e guiada, nos tempos passados, pela palavra eloquente e pelo luminoso exemplo de fé de uma plêiade de sábios pastores. O último deles está entre nós. É D. Maurílio de Gouveia, por meio do qual recebi o dom do episcopado, que governou esta Igreja Particular, com dinamismo e sabedoria, durante vinte e seis anos, e a quem desejamos saúde e vida longa, para continuar a servir a Igreja. Os exemplos de virtude dos meus antecessores entusiasma-me e despertam em mim o desejo de seguir os seus passos de pastores zelosos e santos. Praza a Deus que o meu entusiasmo inicial não esmoreça, antes se acrescente.

2. (...) Para corresponder à complexidade do seu ministério, **o bispo há-de ser humanamente equilibrado, intelectualmente bem formado, pastoralmente dinâmico e, acima de tudo, há-de esforçar-se por viver em santidade,** fazendo da verdade revelada o centro e critério primeiro de toda a sua acção pastoral, ciente de que ele é o princípio visível e fundamento da unidade diocesana, permanecendo aberto à participação de todos os membros do povo cristão, com respeito pelas competências de cada um(...).

3. Pelo que fica dito e por muito mais que haveria a dizer, podemos compreender como a missão do bispo é, ao mesmo tempo, sublime e exigente. Tão sublime que nunca a chegaremos a compreender em plenitude. De exigências

tão elevadas que nunca será possível satisfazê-las. Sendo assim e humanamente falando, pareceria insensatez aceitar tal missão. Porém, à luz da fé tudo adquire um novo sentido(...).

É esta, meus irmãos, a verdadeira razão por que eu hoje estou aqui, a tomar posse como Arcebispo de Évora, nesta catedral, onde tantas vezes participei nos ofícios divinos e a minha fé se consolidou pelo sacramento da Ordem. **Entrego a minha fraqueza nas mãos de Deus, confiado que Ele a transformará em força** e, tocando-me com a Sua mão poderosa, tal como Cristo fez aos três Apóstolos que presenciaram a transfiguração, me levantará e me ajudará a segui-lo no caminho da cruz, para que possa também ter parte com Ele na glória da Ressurreição.

4. Mas há outra razão importante. É que eu não estou sozinho no exercício do meu ministério. **Sei que posso contar com numerosos colaboradores,** que actuaem colegial ou individualmente, aos quais muito estimo e dos quais muito espero.

Em primeiro lugar, penso nos **presbíteros,** meus principais e insubstituíveis colaboradores. Como pai, irmão e amigo, a todos, e particularmente aos que se encontram em dificuldades, quero dedicar uma especial atenção e afecto, bem como ao **Seminário,** primeira entre todas as instituições diocesanas, onde se formam os novos sacerdotes. Em seguida, os **diáconos permanentes,** cujo ministério está imbuído pelo sentido do serviço, para a edificação da Igreja, na qual eles darão corpo a uma nova época de espiritualidade evangelizadora.

Seguem-se os **membros dos Institutos de Vida Consagrada** e todos os homens e mulheres que dedicam as suas vidas ao serviço do Evangelho, nesta parcela do Povo de Deus. Eles constituem um precioso dom divino, que enriquece a Diocese com nova energia missionária e evangelizadora e potencia o apostolado com a força oculta da oração e penitência das comunidades de vida Contemplativa.



Lugar de especial relevo merecem os **numerosos leigos e leigas,** de diferentes condições e idades, comprometidos com o anúncio da mensagem cristã, que se esforçam e generosamente trabalham na reconstrução da fractura entre cultura e Evangelho, na promoção de uma justa ordem social, na dignificação da actividade política, na defesa dos princípios éticos fundamentais e irrenunciáveis, na defesa da liberdade da Igreja e na colaboração directa com os pastores, na liturgia, na pastoral e noutros sectores da vida da Igreja. Por serem em maior número e cada vez mais empenhados na vida das comunidades cristãs, coloco neles uma particular esperança.

5. Eis-me aqui, meus irmãos. Venho para o meio de vós, ciente do muito que esperais de mim, do muito que há a fazer nesta querida Arquidiocese e confiante na ajuda de Deus e na vossa efectiva colaboração(...).

+José, Arcebispo de Évora

Testemunhos

(Continuação da página anterior)

A excelência das suas qualidades humanas e prelatícias, a sua apurada sensibilidade para os problemas sociais, o seu profundo humanismo, o seu saber, o seu espírito de sacrifício, o seu dinamismo catequético, a sua abertura de espírito, a sua eloquência natural, a sua capacidade intelectual e, enfim, a sua sólida formação académica – atributos que sublinho sem generosidade – aliados ao seu profundo conhecimento dos problemas, da mais diversa índole, que afligem o Alentejo e à sua já longa experiência de presbítero e prelado auguram que a tão nobre quão difícil missão, para que foi ungido e enviado, será coroada de êxito. É o que, do fundo do coração, desejo.

Manuel Cipriano Nabais

Juiz Desembargador - Presidente da Relação de Évora

Os "ECOS DA LASE" desejam
a todos os Lasistas e suas famílias
BOAS FESTAS DA PÁSCOA,
com muita alegria e bênçãos
de Cristo Ressuscitado.
Aleluia! Aleluia!

“MENSAGEM – O CÂNDIDO”



Com todo o respeito pelo tratamento que merece e lhe é devido, desculparão continuar a dispensar-lhe o tratamento familiar e amigo que sempre nos uniu - **O Cândido.**

A vida do Cândido, após a saída do Seminário, não se apresentou fácil, mas a sua tenacidade, persistência e sentido de orientação, levaram-no a saber vencer, pouco a pouco, as dificuldades que iam surgindo nas diversas encruzilhadas de sua vida.

Soube manter uma fidelidade exemplar aos verdadeiros valores morais percebidos na Família e no Seminário, valores de que nunca abdicou, que procurou fortalecer e o conduziram ao Triunfo como Homem realizado. Soube manter ao longo da vida um verdadeiro espírito de união e dedicação à Família: pais, irmão e familiares que permaneciam na aldeia, que visitava e junto de quem permanecia algum tempo ao longo do ano.

Aproveitava a tranquilidade da aldeia para alargar o seu horizonte cultural, dedicando-se à leitura e estudo de trabalhos que levava, trabalhos a que dedicava boa parte do período nocturno. Admirava-nos o pouco que dormia, visto que, pela manhã, era o primeiro a apresentar-se, e sempre bem disposto, razão porque minha mãe chamava a nossa atenção para a sua resistência física, por dormir tão pouco.

Constituiu família, sendo pai e avô num lar harmoniosos, onde - se respirava Felicidade e Bem-estar. Dotado de uma inteligência e memória invulgares, com facilidade se valorizou com um Curso Superior, dedicando-se ao ensino, exercendo a docência em várias escolas oficiais, bem como no sector privado. As suas aulas eram escutadas com atenção, porque conscientemente preparadas, fruto da metodologia que utilizava e de uma vasta e sólida cultura, prestando a atenção dos alunos pela facilidade e clareza na exposição dos vários assuntos.

Para o Cândido o saber não se limitava à superficialidade, pois aprofundava os vários temas, razão porque era muito procurado como um verdadeiro Mestre do conhecimento. Os livros acompanhavam-no

sempre e as Bibliotecas e Livrarias eram o seu refúgio. Publicou vários livros didácticos, que tiveram bom acolhimento em várias escolas, onde foram adoptados, pois os textos se apresentavam criteriosamente seleccionados com notória evolução pedagógica.

Manteve um permanente espírito de gratidão para com o Seminário e de fidelidade aos princípios nele recebidos, que lhe propiciaram as condições e rasgaram o caminho para vencer e progredir na vida. De igual modo soube manter um amor e fidelidade às origens, que muito apreciava e estimava.

Dada a sua cultura e temperamento comunicativo, com facilidade criava amizades, estabelecendo um relacionamento amistoso e franco, pelo que a sua convivência era muito desejada e apreciada, mantendo um diálogo vivo. Nas várias deslocações a Alvôco, causava-me admiração o conhecimento que conservava das pessoas e da respectiva árvore genealógica; com todos dialogava, deixando sempre uma íntima satisfação.

Conhecia todos os recantos da aldeia, bem como da Serra e recordava factos acontecidos nos diversos lugares, mercê da sua memória prodigiosa.

Procurava manter uma convivência com homens da cultura, o que nele era natural, sempre com plena aceitação e admiração. Fruto da sua convivência, criou amizades em instâncias Superiores, que perduraram ao longo do tempo. O Cândido era comunicativo por excelência e tal característica fazia parte da sua personalidade.

Não posso deixar de referir, o Cândido apreciava a boa gastronomia caseira e regional, evitando a mesa requintada.

Na aldeia participava em todos os actos religiosos e nos dias de Festa era sempre notada a sua presença respeitosa nas Procissões e demais actos de culto. Ao fim das festividades, procurava conviver com pessoas conhecidas, mas que há muito não via, desenrolando-se então um mundo de recordações.

Possuidor de uma personalidade vincada, era dotado de um carácter íntegro e de um temperamento afável, sempre disponível para auxiliar a quem pudesse ser útil.

Deixei desbobinar em minha mente um Filme, que me emocionou e do qual extraí alguns actos, que me conduziram na redacção emotiva desta Mensagem, dirigida ao Cândido, que nos deixou imensas saudades. Que Deus o tenha no Céu, são os desejos de todos nós e de quem de um modo particular, o conserva no coração.

Com a amizade e gratidão - do **Fernando (Pinto Mateus).**

BODAS DE OURO DO CURSO DE 1958-59

No dia **27 de Setembro de 2008**, conforme está programado no Calendário das Actividades da LASE para o corrente ano, o **Curso de 1958-59 vai celebrar as suas BODAS DE OURO** de entrada no Seminário de Vila Viçosa, com a participação do Curso anterior.

Para maior dinamização e participação, vamos dar a informação de todos os que pertencem ao Curso de 1958-59:

António Maria Janeiro Aço (Évora), Manuel Nunes Aleixo (Cabeção-Mora), Aurélio Joaquim Pires Almeida (S.to António do Alcórrego-Avis), José Manuel da Silva Alves (Ervidel-Aljustrel), José Caeiro Bação (Granja-Mourão), Joaquim Pedro de Sousa Bailão (Cabeção-Mora), José Leitão Baptista (Bismula-Sabugal), Armando da Silva G. Barrigola (Degolados-Campo Maior), Alfredo Rafael Borges (Malhada Sorda-Almeida), Manuel João Gordo Branco (Santana do Campo-Arriaiolos), João José de Oliveira Calado (Evoramonte-Estremoz), António Augusto Borba Caldeira (Seda-Alter do Chão), Afonso Cordeiro Carreto (Setúbal), Januário José da Silva Cavalheiro (Elvas), João António Foles Charruadas (Santa Eulália-Elvas), Luís Fernandes de Sousa Coutinho (S. Sebastião da Pedreira-Lisboa), António Júlio Luís Craveiro (Manteigas), Alexandre Valente da Cruz (Murtosa), Francisco Bárbara Cunha (Vilar Maior-Sabugal), Luís Alberto de Oliveira Elias (Santarém), António Gomes de Elvas (Belmonte), António Eduardo Espada (Pavia-Mora), João Francisco Fernandes (Cano-Sousel), José Carlos Levita Fernandes (Proença-a-Nova), Armando António Dias Ferreira (Proença-a-Nova), João Joaquim Rosado de Fontes e Joaquim António Rosado de Fontes (Alandroal), José

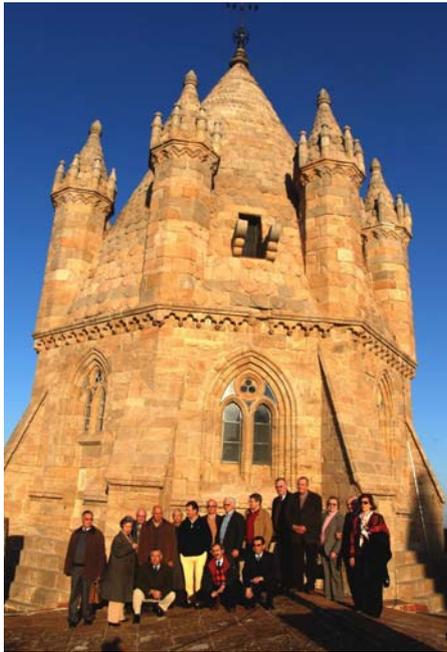
Manuel Billo da Graça (Cano-Sousel), Manuel António Martins da Fonseca (Castro Marim), Isafias Pinto Galhano (Nave-Sabugal), Silvestre Rosa Pingarilho Guerra (Evoramonte-Estremoz), Carlos José Laranjeiro (Pinhel), António Rodrigues Batacu Lavadinho e João Vicente Valadas Lavadinho (Campo Maior), João António Pernas Lérias (S. Brás de Varche-Elvas), Francisco Luís Vermelho Letras (Borba), P. Abílio Lopes Antunes (Rebolosa-Sabugal), Luís Manuel Esteves Manso (Aldeia do Bispo-Sabugal), João Carlos Henrique Marques (Murtosa), Gaudêncio Manuel de Oliveira Marques (Lavre.Montemor-o-Novo), Manuel João Vaz Marques (Cabeção-Mora), Boaventura Silveira Martins (Caria-Belmonte), Ângelo Correia Mendes (Lusim-Penafiel), Raúl Mendes (Lameiras-Posafoles/Sabugal), João Manuel Monteiro (Estremoz), José Custódio Nunes (Cabeção-Mora), Luís Filipe Pássaro (Évora), Marco do Carmo Baptista Pinto (Mourão), Teotónio Diogo Cachatra Pisco (S. Tiago de Rio de Moínhos-Borba), Manuel Luís do Rosário Pissa (Monteito-Rondono), Joaquim Rei (Ruvina-Sabugal), Martinho Vicente Capitão Roma (Alandroal), António Manuel Pisco Romão (Rosário-Alandroal), José Maria Roque (Graça do Divor-Évora), diácono Manuel Paulo Sobral Roque (Évora), Carlos Manuel Neves Salgado (Alandroal), António Francisco Canhoto Santana (S. Vicente-Elvas), António Paulino Rosado Santos (Santo António de Capelins-Alandroal), Bernardino Fernandes dos Santos (Vilar de Perdizes-Montalegre), Manuel António Medalhas Silva (Monforte), António Maria da Silva Tavares (Estarreja) e Joaquim António Manguinhas Tempero (Arcos-Estremoz).

Assembleia Geral

(Continuação da página 2)

desse tempos, concluindo essa dissertação com a afirmação de que se a Sé fosse construída hoje não seria com estas características, mas talvez idênticas às da nova igreja de Fátima (Santíssima Trindade).

Depois desta explicação geral em que se salientou a importância da **catedral como a Igreja do Bispo** (aqui está a sua Sede ou Cátedra) e também como **Igreja Mãe da Diocese** e referência para todas as outras igrejas, pudemos percorrer com olhos de “ver” toda a imensa catedral fruto de vários “estilos” artísticos: arquitetura, escultura, talha, imaginária, pintura, etc.



A visita ao **Coro** renascentista, 1546, com os seus graciosos e artísticos baixos relevos no grandioso cadeiral com temas bíblicos, campestres (foi admirada a cena humorística dos três coelhos a assar o caçador) e mitológicos, assim como a possibilidade de ver de perto o precioso **órgão** quincentista onde tocaram dois príncipes japoneses, foi de agrado geral.

A subida ao **Museu de Arte Sacra** da Catedral de Évora era indispensável para quem gosta de ver e apreciar verdadeiros “tesouros artísticos”. Das muitas “peças” valiosas do Museu na área da imaginária, pintura, ourivesaria, paramentaria, etc., saliento só duas de entre muitas outras: a Virgem do Paraíso e o Relicário do Santo Lenho.

A visita terminou “em beleza” com a subida panorâmica ao terraço da catedral onde se pode admirar de perto o “Zimbório” (*Torre Lanterna*) que, segundo Martin Hume: “*Merece a pena fazer a viagem da Inglaterra a Portugal, só para contemplar o maravilhoso zimbório*”. Também do terraço se pode admirar toda a cidade com os seus numerosos bairros circundantes.

Para constar e porque já é habitual, deixamos aqui o registo das **presenças** e do pagamento das **quotas da LASE**, referentes a 2008:

Abel Gonçalves dos S. Brás e esposa (Portalegre) – 60 euros; Abílio Dias (Póvoa de Santo Adrião) – 30 euros; P. Agostinho Crespo Leal (Évora); Alberto Luís Casaca e esposa (Estremoz) – 20 euros; Albino Joaquim Pereira e esposa (Fornelos-Cinfães) – 30 euros; Amândio dos Santos G. Mouquinho e esposa (Évora) – 20 euros; diácono Amândio da Costa Landeiro e esposa (Lisboa) – 50 euros; Amílcar Gomes Gonçalves

ENCONTRO REGIONAIS

Em Maio começam já os “**Encontros Regionais**”, conforme está programado no “*Calendário das actividades da LASE para 2008*”. A obrigação de motivar os lasistas de cada Região compete não só aos Delegados e sub-Delegados, mas a todos os lasistas, mais entusiastas e que costumam aparecer!

Recordamos as datas e os locais de cada “Encontro”, que funcionará com o programa habitual:

- 1) Grande Lisboa – 10 de Maio, Alhos Vedros;
- 2) Alentejo – 31 de Maio, Mora (com visita ao Zoo-Lavre e ao Fluviário-Mora);
- 3) Norte – 7 de Junho, Barcelos;
- 4) Beiras – 14 de Junho, S. Miguel d’ Acha.

(Caneças) – 20 euros; P. A. Fernando Marques (Évora); António Fidalgo Marques (Estremoz) – 40 euros; António Joaquim C. Braga (Évora) – 20 euros; António José de M. Geraldo (Belas) – 30 euros; António J. Saldanha Firmino e esposa (Carcavelos) – 30 euros; António Madeira Campinos (Évora); P. António Ramiro Salgueiro (Pedrógão – Torres Novas); P. António Salvador dos Santos (Évora) – 20 euros; Augusto da Silva Jacinto e esposa (Proença-a-Nova) – 20 euros; Bernardino António Ramos e esposa (Évora) – 30 euros; Carlos Jorge M. Cardoso (Bobadela) – 30 euros; Carlos Moura e Silva (Évora) – 20 euros; Domingos Augusto G. Balça (Évora); Domingos Barbosa Lopes e esposa (Barcelos) – 20 euros; Domingos L. Borrego Lopes (Évora); Eduardo Ferreira Mendonça (Lisboa) – 20 euros; Eduardo M. Gomes Pina e esposa (Vila Viçosa); Elói Gonçalves Pardal (Lisboa) – 20 euros; Francisco António Grilo (Montemor-o-Novo) – 20 euros; Francisco Eduardo G. Ricardo (Parede); Franklim Costa Braga e esposa (Lisboa) – 20 euros; João Luís Inácio – 20 euros; Joaquim António R. Amaral (Barreiro) – 80 euros; José Francisco Caixinha e esposa (Pombal) – 50 euros; José Luís da C. Ramos Adriano (Covilhã); José Ramalho Ilhéu (Évora) – 20 euros; Luís António Pedrico (Vale Figueira); Luís Maria Silveira Martins (Moçarra); P. Luís Rúbio (Évora); Manuel António dos R. Prisca (Porto Salvo) – 20 euros; Diácono Manuel Carvalho Bilo (Évora) – 20 euros; P. Manuel da Silva Ferreira (Évora); Manuel Fernando P. Carrasqueira e esposa (Mem Martins) – 20 euros; Manuel Ferreira Patrício (Montargil) – 20 euros; Manuel Inácio da C. Rosado (Évora) – 20 euros; Manuel Joaquim Gabriel e esposa (Elvas) – 20 euros; P. Manuel Lopes Botelho (Vila Viçosa); Manuel Luís de Carvalho Mendes, esposa, irmão e cunhada (Évora) – 20 euros; P. Manuel Luís Sanches Manso (Viana do Alentejo); Manuel Nunes da Fonseca (Tarouquela) – 40 euros; Manuel Tomás Geraldês (Caria) – 30 euros; Mário de Ascensão Louro (Turquel) – 20 euros; P. Mário de Brito Aparício Pereira (Vila Viçosa); Nuno José da Silva Pinheiro e esposa (Évora); Roberto Lopes Ratinho e esposa (Évora); Rui Santos e esposa (Massamá) – 20 euros; Valentim Simplício A. Caracho (Vendas Novas); P. Vicente Nieto (Évora).

Não estando presentes, fisicamente, enviaram o seu donativo: P. Afonso Artur de A. Ribeiro (Vizela) – 70 euros; Brito José Fernandes Rendeiro (América) – 70 euros; João da Silva Rego (Guimarães) – 70 euros; Joaquim Martins Fernandes (Leiria) – 10 euros; Manuel Francisco Pecurto Abelho (Borba) – 100 euros; Manuel João Henriques Parrula (Fernão Ferro) – 20 euros; António Mendes Costa (Bruxelas) – 100 euros e Filipe Silva Borges (Covilhã) – 20 euros (2007).

PADRE ACÁCIO DIAS MARQUES

No dia 20 de Dezembro de 2007 faleceu, inesperadamente, o **Padre Acácio**, quando se encontrava nos Açores como sacerdote “itinerante” do “Caminho Neo-Catecumenal”.

Natural de Cerdeira, Guarda, onde nasceu a 24 de Março de 1935, frequentou os Seminários de Vila Viçosa e de Évora, integrado no Curso de 1947-48. Ordenado sacerdote em 1959, foi capelão da Misericórdia de Elvas, licenciou-se em teologia na Universidade de Pamplona (Espanha) e fez o Curso de Jornalismo. Com o Padre Filipe Marques de Figueiredo lançou na Arquidiocese de Évora o Movimento dos Cursos de Cristandade. Foi pároco de Santa Luzia de Elvas e esteve muito ligado ao Caminho Neo-Catecumenal, como Presbítero itinerante.

Durante 30 anos foi um dos mais assíduos colaboradores do jornal diocesano “a defesa” e, com frequência, participava nos “Encontros” da LASE.

O seu funeral realizou-se no dia 22 de Dezembro de 2007 para o cemitério da sua terra natal, tendo antes havido na nova igreja de Santa Luzia, Elvas, uma solene concelebração presidida por D. Maurílio de Gouveia, arcebispo de Évora e na qual participaram muitos sacerdotes, diáconos e centenas de amigos e membros do Movimento Neo-Catecumenal vindos de todo o país.

